

**Dossiê - Literatura e investigação: enquête, entrevista, testemunho e reportagem nos séculos XIX e XX**

## ***Malala, a menina que queria ir para a escola: a biografia entre realidade e poética***

***Malala, a menina que queria ir para a escola: a biography between reality and poetry***

***Malala, a menina que queria ir para a escola: una biografía entre la realidad y la poesía***



**Andreza Pereira**

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso, Brasil  
andreza.silvapereira@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa a biografia *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Carranca, 2015) com base em marcos teóricos do jornalismo literário. Como subgênero desse jornalismo (Martinez, 2016), a biografia depura a realidade mediante recursos narrativos tipicamente ficcionais. Identificamos, na obra, uma biografia moderna que delinea uma personagem, movida por um desejo antagonizado pela cultura. Estudiosos têm nomeado a segregação de direitos vivida por meninas e mulheres em países como o Paquistão de *apartheid* de gênero. O texto construído diante do apartado não é a biografia definitiva de Malala, mas uma biografia, que, real, encontra-se com a literatura.

**Palavras-chave:** biografia; jornalismo literário; realidade; literatura; poética.

**Abstract:** This article analyzes the biography *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Carranca, 2015) based on theoretical frameworks of literary journalism. As a subgenre of this journalism (Martinez, 2016), biography refines reality through typically fictional narrative devices.

We identify in the work a modern biography that outlines a character driven by a desire antagonistic to culture. Scholars have termed the segregation of rights experienced by girls and women in countries like Pakistan gender apartheid. The text constructed in light of this is not the definitive biography of Malala, but a biography that, in reality, encounters literature.

**Keywords:** biography; literary journalism; reality; literature; poetics.

**Resumen:** Este artículo analiza la biografía *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Carranca, 2015) a partir de los marcos teóricos del periodismo literario. Como subgénero de este periodismo (Martinez, 2016), la biografía refina la realidad mediante recursos narrativos típicamente ficticios. Identificamos en la obra una biografía moderna que describe a un personaje impulsado por un deseo antagónico a la cultura. Los académicos han denominado apartheid de género a la segregación de derechos que sufren las niñas y mujeres en países como Pakistán. El texto construido a partir de esto no es la biografía definitiva de Malala, sino una biografía que, en realidad, se encuentra con la literatura.

**Palabras clave:** biografía; periodismo literario; realidad; literatura; poética.

Submetido em: 30 de abril de 2025

Aceito em: 15 de setembro de 2025

Publicado em: 09 de fevereiro de 2026

## 1 A biografia como subgênero do jornalismo literário

Concebendo, neste trabalho, a biografia como subgênero do jornalismo literário<sup>1</sup> (Lima, 2009; Martinez, 2016), cabe-nos, preliminarmente, explicitar o elo entre este jornalismo e a literatura. Sustentando o laço com a realidade e imbuindo-se da função estética da linguagem, o jornalismo literário se encontra num entrelugar, manifestação por definição impura e intertextual. Infenso a categorizações estanques, habita entre fronteiras, carregando um traço que Monica Martinez (2017, p. 25) denomina “porosidade conceitual”.

Poroso e híbrido, o texto jornalístico literário transita entre descrever e narrar, informar e opinar, referenciar e estetizar. Dessa forma, limites discursivos e funcionais da linguagem são esgarçados, tensionados, rompendo em espaços de difícil demarcação: “Se existe uma fronteira entre a narrativa literária e a jornalística, ela não é facilmente demarcável” (Oliveira, 1991, p. 29). Na esteira desse movimento, subgêneros, como a crônica, o romance-reportagem, o romance de não ficção e a reportagem-poema, desenvolvem-se ou ampliam-se, e gêneros jornalísticos, como a reportagem, aprofundam-se.

Repousa, ao fundo desse impulso dialógico, um paradigma heterodoxo de jornalismo e de notícia: o paradigma construcionista. Trata-se de um modelo conceitual que se formou em paralelo ao paradigma profissional do espelho, dominante no jornalismo. Numa sucinta diferenciação, ambas as teorias procuram explicar por que as notícias, produção nuclear do jornalismo, são como são. Desenvolvida no século XIX, a teoria do espelho, primeiro conjunto explicativo à questão colocada, responde que as notícias são como são por uma determinação da realidade, como num reflexo especular. Pondo em suspeição o pressuposto epistemológico da teoria especular, o paradigma construcionista, já no século XX, admite, essencialmente, que as notícias e o jornalismo criam a

<sup>1</sup> Partimos de um recorte, uma vez que nem toda biografia é uma produção do jornalismo literário. Há biografias produzidas por historiadores e por escritores de ficção, por exemplo, as quais se guiam por diferentes moldes e propósitos textuais.

realidade. Acomodar técnicas literárias ao jornalismo, admitir recursos formais da ficção implica conceber a “impureza” objetiva dessa produção textual, que se assume como instância de mediação narrativa da realidade.

Num possível enquadramento (inter)disciplinar, situamos o jornalismo literário nos raios expandidos da Literatura Comparada, abarcado por seu movimento de progressiva abertura a novos objetos e intermediações. O comparativismo tradicional do século XIX vai dando lugar a incorporações de outros sistemas que não o propriamente literário, a outras expressões artísticas e semióticas na busca pela significação da literatura. Dessa forma, a área, na contemporaneidade, passa a mover-se fronteiriçamente, numa postura indisciplinar, que faz com que possa atuar por diferentes métodos e interpelar distintos elementos.

No quadro posto, a biografia como subgênero jornalístico mostra-se também como um discurso de “natureza híbrida” (Pereira, 2007, p. 20). Entre a autoridade factual e a licença poética, entre a concretude de uma vida e a plasticidade da literariedade, escreve-se. Trata-se de textos que, no Brasil, têm ganhado cada vez mais espaço editorial principalmente a partir da década de 1970 e se diferenciado de biografias de cunho acentuadamente acadêmico, num esforço por assemelharem-se a romances da vida real.

## 2 A história de uma vida

A etimologia da palavra biografia vem do grego e significa “escrever vidas”. Escrever uma biografia é narrar a história de uma vida. Há uma personagem, cuja existência é o centro, o impulso da narração, passando os demais acontecimentos narrados na história a ocuparem uma posição satélite.

Há um deslocamento na significação da biografia ao longo da história. Segundo Vilas Boas (2002), os biógrafos da Antiguidade tinham como objeto principalmente pessoas representativas de grupos, hierarquias; não se tinha formado o interesse sobre histórias individuais. Era comum, por exemplo, durante as idades

antiga e medieval, o retrato de pessoas veneradas, as chamadas biografias de hagiógrafos (hagiografias), textos voltados ao compartilhamento da vida de santos, mártires, beatos, num fim moralizante. Esse mesmo intento modelar se fazia presente no que se consolidou como biografia clássica, ao se voltar a figuras políticas eminentes, como Alexandre e Júlio César. Pode-se afirmar que a função retórica da biografia clássica exercida então sobrepunha-se a um esforço probatório, o que acaba por produzir obras com conjuntos temáticos semelhantes. Nuances psicológicas e vida privada não estavam centralizadas nesses textos, passando a ser descortinadas pela biografia moderna.

Os biografados eram invariavelmente religiosos, governantes, soldados e heróis, categorias que nunca estavam em falta no mundo de então – o homem comum não entrara na cogitação do biógrafo, exceto quando parte das multidões. À medida que as biografias deixaram de se basear nas lendas da tradição oral e se debruçaram mais sobre os registros escritos, passou-se a enxergar esse homem um pouco melhor (Castro, 2022, p. 20).

A singularidade dos indivíduos e a própria noção de indivíduo serão delineadas modernamente na biografia. Os estudos das ciências humanas dão conta do enfraquecimento das metanarrativas e dos saberes tradicionais e da emersão de um “eu” moderno. O sentido do biografismo muda grandemente, alterando-se de igual modo a preocupação com os métodos de investigação e as fontes de pesquisa. A obra chamada *The life of Samuel Johnson*<sup>2</sup>, publicada em 1791, marca a emersão dessa nova biografia. O livro, escrito por James Bosweel, se concentra sobre uma só pessoa, traz especulações psicológicas sobre a vida retratada e reflexões sobre a ideia de narração biográfica, além de reunir diferentes tipos de fontes em torno do biografado.

<sup>2</sup> Samuel Johnson foi um escritor e pensador inglês.



No espectro do biografismo moderno, o jornalismo apresenta peculiaridades em relação à história ou a outros *ethos* textuais. Como recortamos, subgênero do jornalismo literário, o livro-reportagem biografia aproxima-se de outro texto jornalístico: o perfil (Castro, 2022; Pereira, 2007). Como a biografia, o perfil tem como centro a personagem. De maneira geral, podemos definir o perfil como um texto biográfico curto e geralmente presentificado (Martinez, 2016), também denominado *short-term biography*<sup>3</sup>, que combina caracterizações e circunstanciamentos para explorar a personalidade do perfilado. A biografia diferencia-se do perfil porque se aprofunda, dá mais voltas ao redor do ser humano narrado, usa mais fontes, multiplica angulações, enfim, estende-se em relação à outra modalidade.

Autores como Castro (2022) identificam nessa capacidade de pesquisa da realidade que amplia o relato do perfil uma das peculiaridades da pesquisa e da biografia jornalística. Diversa da pesquisa acadêmica, a pesquisa jornalística, advinda da prática de investigação noticiosa e da reportagem, realiza o tradicional processo editorial de apuração, seleção, sistematização e edição dos fatos. No caso das biografias, esses fatos estão relacionados a uma vida, e, naturalmente, se conectam ao todo do tecido social – não há subjetividade decantada de uma exterioridade. Desse modo, valores jornalísticos como os de objetividade e precisão norteiam a pesquisa na elaboração da biografia e acabaram por tornar o texto mais enxuto em comparação a biografias históricas ou de cunho mais academicista.

Ainda no que diz respeito à pesquisa, vimos que a virada moderna da biografia a aproximou de um caráter experimental, probatório. Castro (2022) sustenta a biografia como uma obra que deve se valer de grande variedade de fontes, primárias e secundárias<sup>4</sup>, não podendo se nutrir apenas da memória ou perspectiva de um único indivíduo. Nesse sentido, o jornalismo agiria na bus-

<sup>3</sup> Biografia curta.

<sup>4</sup> Fontes primárias de pesquisa são registros que não dependem da memória humana no presente da investigação. Ex.: Documentos, cartas. Fontes secundárias de pesquisa são registros que dependem da memória humana no presente da investigação. Ex.: Entrevistas (Castro, 2022).

ca por fatos, localização de pessoas, domínio de técnicas de apuração e organização de toda a massa de informações levantada. Contemporaneamente, autores como Leonor Arfuch (2010) têm apontado o crescente espaço que a entrevista tem tomado como método de contorno do indivíduo narrado.

Pautam ainda o *ethos* jornalístico biográfico a estetização do texto e a sua universalidade. Incubado em meios de comunicação de massa e direcionado ao chamado público médio, o texto jornalístico é trabalhado para ser palatável por diferentes camadas sociais e níveis educacionais. Sendo assim, é grande a sua preocupação com a clareza e a inteligibilidade. O texto jornalístico literário, mais especificamente, toma da literatura recursos ficcionais de modo a tornar-se estético, poético, atraente artisticamente.

Por fim, faz-se necessário ressaltar que a emersão da biografia moderna, que a dotou “de uma preocupação com métodos de investigação, fontes e dramatização de diálogos, além da busca pelo ideal de verdade” (Feijó; Rabay, 2024, p. 30), não permite que a instância verdade seja tomada em sentido absoluto.

Subsidia-nos na modalização de uma verdade textual, mesmo que biográfica, o conceito de pacto autobiográfico, de Philippe Lejeune (2008). Este pensador trata da definição da autobiografia, que se daria pela identidade entre autor, narrador e personagem principal. O leitor leria, assim, o texto autobiográfico a partir desse pacto de alinhamento. Seria essa homonímia construtora de uma verdade totalizante? O presente da enunciação, ou do narrador, diverge do presente dos acontecimentos relatados, da personagem do relato, por exemplo. Advêm dessa divergência, portanto, esquecimentos, falhas, omissões, em suma, a operação da memória. Textual e real não podem ser tomados um pelo outro, mas aquele como uma versão deste, uma aproximação que se dá sob o paradigma da semelhança.

O pacto referencial biográfico decerto que existe, mas é mediado por pesquisas, seleção de acontecimentos mais relevantes e a construção de uma narrativa desses mesmos acontecimentos. A noção de totalidade, de abarcar à exaustão uma vida numa obra

é ilusória, e uma biografia se faz justamente em meio a esse papel mediador, que interpreta, vislumbra pêndulos numa existência, atribuindo-lhes relevância. Nas palavras de Vilas Boas (2002, p. 68): “[...] escolher o fato mencionável ou a citação, descartando centenas de outras [...] demanda uma habilidade ausente em alguns biógrafos, mas todos são forçados a buscá-la, queiram ou não”.

### 3 Malala: uma biografia em face do *apartheid* de gênero

Malala Yousafzai se tornou mundialmente conhecida em 2012, quando tinha 15 anos, após ser baleada pelo grupo terrorista talibã enquanto voltava da escola. Pensando na biografia como um encontro entre vida e história, um espaço interseccional de individual e coletivo, é possível vislumbrar o atentado de Malala como um dos paroxismos da narrativa de sua existência, como o grande fato mencionável nos termos de Vilas Boas (2002). Em torno desse dia, que vai ocupar o centro do livro *Malala: a menina que queria ir para a escola* (2015), Adriana Carranca faz a biografia crescer. Retrocede e avança para que se compreenda melhor o significado do atentado, daquele dia fulcral na história de Malala.

Castro (2022) trata do sentido da pesquisa biográfica como aquele que caminha para recolher tudo o que se sabe acerca do biografado em direção a tudo o que não se sabe. É a partir do fato amplamente conhecido sobre Malala, o atentado, que Adriana Carranca se desloca para o Paquistão, viajando para o país dias depois do ocorrido: “Foi esse tiro que me levou ao Vale do Swat” (Carranca, 2015, p. 69).

No entanto, o dia 9 de outubro de 2012, quando Malala é baleada, só ganha a narrativa no meio do livro. Antes disso, a obra se sustenta pelo relato de “dias e noites [...] e muitas histórias” (Carranca, 2015, p. 57). É a partir desse urdir de pesquisa, de escuta, de juntar de fontes que o singular da biografia de Carranca sobre Malala é gerado, e que cada biografia se levanta diante da infixidez



deste subgênero (Lima, 2009; Martinez, 2016). O atentado não se situa aí como uma novidade, uma notícia, propriamente. Reside, também, nesse escape ao imediatismo de produção (Pena, 2006) a sobrevida da biografia, algo que a diferencia do jornalismo diário.

A jornalista brasileira escolhe por começar a escrever sobre a história de Malala olhando para o seu lugar. É um mapa a primeira ilustração da seção textual do livro. “Malala era uma menina que queria ir para a escola. Mas, no lugar onde vivia, isso era proibido” (Carranca, 2015, p. 9). Nas duas primeiras linhas, temos indicações importantes sobre a estrutura da história que seria apresentada. É explicitado, inicialmente, o desejo da personagem, o que ela quer, o que, por extensão, moveria toda a história: seu desejo de ir para a escola. Como escreveu o escritor Kurt Vonnegut (Vonnegut, 1988, p. 188-189 *apud* Koch, 2008, p. 17-18): “Faça suas personagens que- rerem algo de imediato – ainda que seja apenas um copo d’água”. A focalização do desejo de Malala, em paralelo ao papel fundamental exercido pelo desejo na teoria da personagem, parece comunicar a presença de recurso tipicamente ficcional nessa biografia.

Antagonizando-se ao desejo de Malala, o seu lugar, o meio. A personagem, o elemento dinamizador de toda a história, tem seu desejo confrontado. Está posto o conflito, que é a chave do drama. O lugar onde Malala vive não se faz aí um simples posicionamento geográfico, mas um componente da construção narrativa. Esse lugar se chama Vale do Swat.

O Vale do Swat, localizado no Paquistão, é uma região elevada que margeia o rio de mesmo nome, sendo cercado por grandes montanhas. É habitado pelo povo pashtun, do qual Malala faz parte. O lugar é retratado como espaço de lutas de conquista, nas quais os pashtuns prevaleceram historicamente. Assim, desse povo guerreiro a coragem da protagonista Malala também adviria: “Foi deles que as meninas do Swat herdaram sua coragem” (Carranca, 2015, p. 11). Malala nasceu em Mingora, a maior cidade do vale.

A próxima contextualização do livro é política. Adriana Carranca visita o ex-príncipe do Swat Miangul Aurangzeb para trazer à tona tempos diversos, quando o talibã ainda não buscava chegar ao poder no Paquistão e outras eram as condições de vida das mulheres e meninas no país. Aurangzeb é neto do general Ayub Khan, que foi o segundo presidente do Paquistão, cumprindo o seu mandato entre os anos de 1958 e 1969.

Há, na ilustração que mostra Adriana Carranca conversando com o ex-príncipe, signos que vão estar presentes em muitas outras ilustrações ao longo da obra. Produzidas por Bruna Assis Brasil, as imagens mesclam desenhos criados pela ilustradora com fotografias de pessoas ou de locais do Paquistão. Essa mescla reforça também o tensionamento entre criação e realidade no texto biográfico. Mais do que ornamentos, as ilustrações, especialmente em obras voltadas ao público infantojuvenil, somam ao texto verbal novas camadas de sentido, expandindo o horizonte da manifestação literária (Paulino; Cosson, 2009).

Lugar, política, família. Para entender a identidade de Malala, é necessário compreender de quem a garota nasceu e ao redor de quem cresceu. Ela é filha de um professor, Ziauddin Yousafzai, e de uma dona de casa, Tor Yousafzai. É uma pessoa comum abarcada pelo raio do biografismo moderno (Castro, 2022). A escola já estava presente muito cedo em sua história. Sua mãe deu à luz num casebre em frente à Escola Khushal. A escola pertencia a seu pai, que a fundou, sendo a maior do vale, por cujas carteiras de madeira e corredores, a menina cresceu.

O fato de o pai ter lhe transferido o sobrenome foi mais que um gesto comum. Numa sociedade patriarcal como a paquistanesa, as meninas raramente são registradas no nascimento, adotando o nome da tribo do marido ao se casarem. Ao contrário do que ocorre quando um menino chega a uma família, e seu nascimento é celebrado com música, danças e comidas típicas.

A relação entre Malala e seu pai era diferente. Carranca (2015, p. 30) afirma que Ziauddin Yousafzai procurou dar à sua filha os mesmos direitos que a seus filhos. Segundo o pashtunwali – o código de conduta que rege as sociedades pashtuns –, a figura paterna é a que dá passagem à vida pública às mulheres. Um homem da família (pai, irmão, filho mais velho, avô ou tio) age como um Mahram (guardião) para acompanhar uma mulher na rua.

Ziauddin Yousafzai era da tribo considerada a mais educada do vale, de uma linhagem de poetas e filósofos de Swat. Era atuante politicamente no país, presidindo uma associação de escolas e fundando o Conselho de Paz Global, em favor da manutenção da paz da região. Assim, o grande trânsito político de Ziauddin Yousafzai foi observado de perto pela filha. “Malala o acompanhava em protestos, reuniões e eventos públicos, sempre atenta aos movimentos e dizeres do pai. Os dois se tornaram grandes companheiros” (Carranca, 2015, p. 30).

Como aluna, Malala transitava intensamente no ambiente escolar, manejando cadernos e discursos. Na Escola Khushal, tirava notas excelentes, “os olhos brilhando para o quadro-negro” (Carranca, 2015, p. 31), disse a diretora do espaço, Maryam Khalique. Participava de atividades de esporte, teatro e ações extraclasse, como a Assembleia de Direitos das Crianças, em que, com outras meninas, discutia problemas do Vale do Swat, encaminhando pedidos e soluções para o governo. Malala era a oradora da Assembleia.

No caminho entre Malala e a escola, estava o talibã. Cercado por montanhas, o Vale do Swat começou a ser invadido e dar abrigo ao grupo terrorista. Carranca (2015) narra que a partir de 2007, quando a menina tinha nove anos, o lugar passou a ser vigiado por esses homens, armados com fuzis. Sua leitura fundamentalista do Corão ordenava que computadores, aparelhos de TV, vídeo e similares fossem destruídos e queimados nas ruas; que barbearias fossem fechadas, assim como lojas de música. O rádio foi tomado pelo chefe dos talibãs do vale, que declarou que as meninas estavam proibidas de ir à escola. A promessa era de explodir esses lugares.

Assim como ocorre com as personagens de ficção, o interior de Malala é explorado pelo narrador. As ameaças de explosão das escolas faziam com que a menina sentisse medo, “chorava baixinho, escondida. Daí lembrava ter o nome de uma heroína, Malala Maiwand” (Carranca, 2015, p. 35). Antonio Candido (2014) trata como uma das peculiaridades da ficção o fato de ser um espaço em que os seres humanos se tornam transparentes ao leitor. O jornalismo literário, tomando para si recursos da ficção realista, incorpora o interior de seus reportados, aproximando-se da personagem literária.

A ideia era dar descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens. [...] Por fim, eu e outros seríamos acusados de ‘entrar na cabeça das pessoas’. Mas exatamente! Entendi que essa era mais uma porta em que o repórter tinha de bater (Wolfe, 2005, p. 37-38).

A segregação de meninas do ambiente escolar retratada por Carranca (2015) e presente em países como o Paquistão encontra eco no chamado *apartheid* de gênero<sup>5</sup>. O conceito consiste numa aproximação entre a segregação de direitos vivida por mulheres e meninas em diversos países do mundo e o que ocorreu historicamente no *apartheid* racial da África do Sul entre os anos de 1948 e 1994. A expansão da definição legal de *apartheid* permitiria que o *apartheid* de gênero se tornasse crime pelo direito internacional, expandindo, de igual modo, as ferramentas legais para a sua inibição.

A severa oposição entre o desejo da protagonista de ir para a escola não veio de sua família ou de um casamento precoce, veio da talibanização das leis do Vale do Swat. Falando a crianças e adolescentes, Carranca (2015) busca, mesmo na figura dos talibãs, um passado infantil. Conta a origem de muitos deles, que remonta à invasão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URS-

<sup>5</sup> Um aprofundamento sobre o conceito está publicado no site oficial da ação global pelo reconhecimento do *apartheid* de gênero como crime internacional. Cf. <https://endgenderapartheid.today/>.

S)<sup>6</sup> ao Afeganistão durante a Guerra Fria. Suas famílias evadiram, refugiadas, para o Paquistão, permanecendo em campos. Desses campos, os meninos foram levados e passaram a viver em madrassas, sendo treinados para manejar armas desde pequenos, inicialmente para combater a ocupação soviética. Adriana Carranca fala com um talibã no Afeganistão e conta como a sua história repete a história de outros *mulás* (do árabe, mestre ou guardião) que cresceram em madrassas sob as mesmas ordens.

Eu conheci um talibã. Tomei coragem e fui até a casa dele em Cabul, a capital do Afeganistão. Ele se chamava Abdul Salam, mas seu apelido era Mulá Foguete. [...] Ele era um homem carrancudo, até mais do que eu, que tenho 'carranca' no nome. Falava sem olhar para mim, porque, como outros talibãs, também achava que uma mulher não deveria andar sem o marido ou trabalhar, e não gostava muito dos estrangeiros. Mas depois eu percebi que era também um homem triste. Sua mãe tinha morrido quando ele nasceu e, como era apenas um bebê, foi entregue a uma madrassa, onde cresceu longe do pai, das irmãs e dos irmãos mais velhos. [...] Depois veio a guerra e a única coisa que ele aprendeu foi a lutar (Carranca, 2015, p. 38-39).

Após a retirada soviética, o grupo se reorganizou e tomou o poder no Afeganistão, impondo novas leis. No país vizinho, Paquistão, também se instalou e se fortaleceu, "foi quando tudo mudou na vida da Malala" (Carranca, 2015, p. 39). Mesmo com a proibição do talibã, Malala e seu pai começaram uma campanha pelo não fechamento da Escola Khusal. Com o pai, a garota fez sua primeira aparição pública em 2008, questionando a retirada do direito à educação pelo talibã. A menina começa, ainda, a escrever um blog, sob o pseudônimo de Gul Makai, uma heroína do folclore

<sup>6</sup> A URSS foi um Estado socialista governado por um regime unipartidário que se dissolveu em quinze países independentes quando do seu término, em 1991.



pashtun. O blog era publicado em urdu no site da rede BBC de rádio e televisão. Passaram-se batalhas entre o governo e o talibã, tentativas de paz e fechamentos temporários das escolas, eventos sempre relatados no blog de Malala.

Em 2012, num intervalo entre essas batalhas, os talibãs voltaram aos seus esconderijos, as escolas reabriram as portas, assim como as barbearias; os moradores desenterraram os aparelhos de TV e som. E o pai de Malala decidiu revelar a identidade da autora do blog. Malala despertou a curiosidade da mídia internacional por seu ativismo e se tornou mundialmente conhecida.

A narrativa de Adriana Carranca chega então ao dia 12 de outubro de 2012, ao que se sabia da biografada antes da pesquisa, ao que era conhecido dos jornais, ao paroxismo do embate do desejo de Malala com seu meio. “A notícia de sua quase morte tinha se espalhado como um fogo na floresta” [...] (Carranca, 2015, p. 79). Num dia normal, depois da aula, após a reabertura das escolas, a caminhonete escolar onde Malala está freia abruptamente ao entrar numa rua estreita. Dois homens numa motocicleta pedem que o motorista pare e perguntam se o ônibus leva as alunas da Escola Khushal. Um deles entra na caminhonete com uma pistola na mão e pergunta qual delas é Malala. Ele atira três vezes, um dos tiros baleando a cabeça de Malala.

Malala é transferida para um hospital na Inglaterra. Nesse meio tempo, seu quarto no Paquistão se esvazia, sendo visitado por Adriana Carranca. O narrador faz uma descrição atenta do cômodo.

Um caderno com palavras rabiscadas aqui. Lápis coloridos, pincel e nanquim noutro canto ali. Espiei de relance uma gaveta entreaberta e lá encontrei as provas de física e álgebra que Malala fez. No armário havia dois lindos *shalwar kameez*<sup>7</sup>: um azul e um rosa, com bordados de cristais. Nas paredes, úmidas e já manchadas pelo mofo, o único enfeite era um quadrinho de flores (Carranca, 2015, p. 78).

<sup>7</sup> Vestimenta tradicional popular em países como o Paquistão.

Noemi Jaffe elenca como um dos princípios que distinguem a linguagem literária o do detalhamento: “elementos particulares e únicos, que apontam para características específicas de alguma cena narrada” (Jaffe, 2023, p. 150). Evocando o caso paradigmático do barômetro, de Gustave Flaubert<sup>8</sup>, a autora aborda a composição do detalhe, seja do ambiente seja da personagem, como forma de sedimentação do real na narrativa literária (Jaffe, 2023). À mesma vereda aponta Manoela Hoffmann Oliveira (2012) ao descrever as minúcias do cotidiano como forma de dar vida aos indivíduos em outros tempos biográficos.

Malala fica quatro meses internada e faz quatro cirurgias. Depois da recuperação, estabelece-se na Inglaterra, tendo voltado à escola e recebido doações de todo o mundo para ajudar meninos e meninas impedidos de estudar. Com 17 anos, se torna a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da paz.

## 4 Considerações Finais

Oliveira (2012, p. 12) denomina de dupla tensão narrativa da biografia a capacidade desse subgênero de, por meio de um indivíduo, descortinar grandes ações, relevos sociais, redundando num texto de “intenção historiográfica”. Em sua visão, o texto biográfico vai manejando, dramatizando o real de uma vida entre o que há nela de exemplar e de excepcional, supondo que guarda o potencial de conhecimento e explicação de uma sociedade.

Quando Adriana Carranca vai ao Paquistão, Malala ainda não é uma das pessoas mais influentes do mundo. A biografia vai aos poucos dosando, construindo essa personagem, significando os fatos, tensionando o arco narrativo, relevando essa menina, que caminha para ser Malala, um símbolo. Salienta-se, ainda, a inclinação de Malala à vida política, ladeando desde cedo os movimentos do pai. Ela pôde dar palavras, simbolizar propriamente, no espaço coletivo, o anseio das meninas pela igualdade de di-

<sup>8</sup> No conto *Um coração simples*, publicado em 1877, ao descrever o quarto da senhora Aubain, Flaubert insere um piano, caixas e cartões, e um barômetro. Enquanto o piano posiciona socialmente a personagem, e as caixas e cartões sugerem desordem no cômodo, o barômetro, aparentemente irrelevante, teria como função denotar a realidade (Jaffe, 2023).

reitos na esfera educacional. Falas, hábitos, comportamentos de Malala são reconstruídos por meio de entrevistas com diversas testemunhas<sup>9</sup> oculares dos fatos que se deram com ela. Naqueles quinze anos de vida, já havia uma memória coletiva em torno do seu ativismo pela educação.

Cremos que a autora procurou ancorar essa história na identidade e na simplicidade do desejo da protagonista, alçadas ao título: uma menina que queria ir para a escola. A simplicidade do seu desejo, contraposto ao paroxismo do contexto social que a entornava, fez dela uma grande personagem, uma criança representativa de muitas. Conforme a narrativa avança, as forças em jogo se realocam como que a mostrar a emersão de Malala sobre o seu ambiente. A frase que abre o livro é “Malala era uma menina que queria ir para a escola” (Carranca, 2015, p. 9), e as frases que o encerram são “E Malala voltou a sorrir. Porque continuava sendo apenas uma menina que queria ir para a escola” (Carranca, 2015, p. 80). Entre essas frases, toda a ação transcorre, a intriga se dá, passa-se de um equilíbrio a outro.

Optamos por conceber a biografia como subgênero do jornalismo literário, mostrando os atravessamentos entre dramaticidade, ficcionalidade e referencialidade na apresentação de uma vida. Atravessam-se ainda, nessa esteira, reportagem, narração, texto literário. Como enuncia Martinez (2016), o jornalismo literário é essencialmente impuro, atravessado. O tratamento do real atravessado pela literatura em Carranca (2015) produziu uma biografia entre outras possíveis.

Como é próprio do jornalismo literário (Pena, 2006), a autora ampliou os limites do chamado *lead*<sup>10</sup> jornalístico, ofertando ao grande público nuances e esquinas pouco visitadas da vida de Malala, desdobramentos pouco noticiados da menina milhares de vezes tornada manchete no Ocidente como aquela baleada pelo

9 O registro completo das fontes ouvidas para a produção da biografia está posto na seção “Agradecimentos” do livro de Adriana Carranca. A listagem inclui funcionários da Escola Khusal, colegas de classes de Malala (inclusive duas que foram baleadas no mesmo atentado de 2012), o amigo mais próximo de Ziauddin Yousafzai e o primeiro médico a socorrer Malala após o atentado.

10 Termo que designa uma técnica de redação jornalística, do inglês *lead*, “liderar”. Orienta que o texto noticioso deve iniciar respondendo em poucas linhas às questões fundamentais sobre o narrado (Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?).

talibã. Malala era também outras, a menina que chegou ao mundo em frente a uma escola, a que lia *Harry Potter*, a que recebeu o sobrenome do pai numa cultura patriarcal. Adriana Carranca pôde explorar uma Malala, um caminho narrativo, que redundou em uma história singular, em sua obra.

## Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CARRANCA, Adriana. *Malala: a menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.
- CASTRO, Ruy. *A vida por escrito: Ciência e arte da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FEIJÓ, Jéssica; RABAY, Gloria. A pesquisa sobre a biografia jornalística no Brasil. *Boletim do Tempo Presente*, Aracaju, v. 12, n. 11, p. 28-44, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/20904>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- JAFFE, Noemi. *Escrita em movimento: sete princípios do fazer literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YywYmt85GZrc4NRsjHytXYm/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2025.

MARTINEZ, Monica. *Jornalismo literário: tradição e inovação*. Florianópolis: Insular, 2016.

OLIVEIRA, Manoela Hoffmann. História ou literatura? O caráter épico da biografia. *Revista Língua e Literatura*, São Paulo, n. 30, p. 11-31, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/97526/96426>. Acesso em: 26 set. 2025.

OLIVEIRA, Oswaldo Coimbra de. *Elementos da estrutura do texto da reportagem*. 1991. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a vida dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. *A biografia no âmbito do jornalismo literário: análise comparativa das biografias Olga, de Fernando Moraes, e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffily*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/pereira-lindjane-jornalismo-literario.pdf>. Acesso em: 26 set. 2025.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.



WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.